

Análise da configuração textual: pedagogia da esperança

Amabriane da Silva Oliveira Shimite¹ 

Fabiana Oliveira Koga² 

Resumo

A Educação e a sociedade brasileira têm vivido momentos obscuros, que colocam em risco a democracia e a liberdade, sendo este um momento oportuno para revisitar e refletir sobre os conceitos e os sentidos que compõem o livro *Pedagogia da Esperança* de Paulo Freire. Foram almejados o tratamento e a análise de informações sob a forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens e gestos. Objetivou-se analisar o livro, compreendendo-o como parte de um discurso inovador, ousado e corajoso, cujo estudo suscita reflexões. Pode-se reafirmar a luta galgada pelo professor sobre a compreensão de si e de seu aluno? Cabe ao professor conduzir o aluno à reflexão crítica a respeito da emancipação e da liberdade de pensamento? Trata-se da análise da configuração textual. Paulo Freire deixou um legado no livro *Pedagogia da Esperança* possivelmente pautado em três dimensões: interdição, libertação e esperança. Para que mudanças ocorram é preciso buscar a vontade popular, uma liderança lúcida e um momento histórico propício à revolução social.

Palavras-chave: Educação; Paulo Freire; Análise da configuração textual.

Abstract

Analysis of textual configuration: pedagogia da esperança

Education and Brazilian society have been experiencing dark moments which put democracy and freedom at risk, being an opportune moment to revisit and reflect on the concepts and meanings that make up the book *Pedagogia da Esperança* by Paulo Freire. Through documentary research that analyzes textual configuration, the treatment of the data was on speeches pronounced in different ways like written, oral, images, and gestures that aims to analyze the book understanding as part of an innovative, bold, courageous discourse in which its study raises questions. Can one reaffirm the struggle climbed by the teacher to understand oneself and the student? Is it up to the teacher to lead the student to a critical reflection about emancipation and freedom of thought? Paulo Freire left a legacy in that book possible based on interdiction, liberty, and hope. For changes, a popular passion, lucid leadership, and a historical moment are necessary to make a social revolution.

Keywords: Education; Paulo Freire; Analysis of textual configuration.

¹ Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, SP, Brasil.

² Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.

Análisis textual de configuración: pedagogia da esperança

La educación y la sociedad brasileña han pasado por momentos oscuros que ponen en riesgo la democracia y la libertad, siendo un momento oportuno para visitar y reflexionar sobre los conceptos y significados que componen el libro *Pedagogia da Esperança* de Paulo Freire. A través de la investigación documental que analiza la configuración textual, el tratamiento de los datos fue sobre los discursos pronunciados en diferentes formas como la escrita, la oral, las imágenes y los gestos, que tiene como objetivo analizar la comprensión del libro como parte de un discurso innovador, audaz y valiente en el que su estudio plantea preguntas. ¿Se puede reafirmar la lucha emprendida por el profesor para entenderse a sí mismo y al alumno? ¿Le corresponde al profesor llevar al alumno a una reflexión crítica sobre la emancipación y la libertad de pensamiento? Paulo Freire dejó un legado en ese libro posible basado en la interdicción, la libertad y la esperanza. Para los cambios, son necesarios una pasión popular, un lidera.

Palabras clave: Educación; Paulo Freire; Análisis de la configuración textual.

Introdução

As dificuldades mais duras, a carência e precisão do povo, as idas e vindas do processo que depende de muitos fatores para solidificar-se, nada disso diminui em nós, em Nita e em mim, a esperança com que chegamos a El Salvador, com que vivemos uma semana em El Salvador, com que deixamos El Salvador. A mesma esperança com que termino esta *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 2016, p. 103).

Em tempos oscuros e de desmonte intencional da educação brasileira, em todos os seus níveis de ensino, analisar o livro *Pedagogia da Esperança* parece ser uma oportunidade para visitar e refletir sobre os sentidos que fazem, refazem e movem a *práxis* docente.

Enquanto professoras da Educação Básica e da Educação Superior, sobretudo como pesquisadoras no contexto histórico e contemporâneo do Brasil, nos foi permitido conduzir a reflexão sobre a necessidade de compreender o lugar social ocupado pela própria docência. O desejo de impulsionar sujeitos a se tornarem emancipados, por meio de uma relação mediada e dialógica, que envolva a constituição política, histórica, social e cultural do ser humano, nos fez retomar a *Pedagogia da Esperança* de Paulo Freire (2016), em sua 23ª edição publicada pela editora Paz e Terra.

Destaca-se o encontro com o livro *Pedagogia da Esperança*, pela importância concedida nessa obra à educação popular, à universidade – em seus papéis de pesquisa, ensino e extensão – e à necessidade de evolução da sociedade, pautada na busca da transformação social, por meio da Educação. Nesse contexto, retomar e aprofundar o estudo dessa obra de Paulo Freire é um caminho de entendimento da e para a *práxis* docente, na atualidade. Nas palavras de Paulo Freire (2016):

A primeira constatação que faço é a de que toda prática educativa implica sempre a existência de sujeitos, aquele ou aquela que ensina e aprende e aquele ou aquele que, em situação de aprendiz, ensina também, a existência do objeto a ser ensinado e aprendido (p. 150).

Esse professor pernambucano foi comprometido com o desenvolvimento de seu país e autor de uma obra reconhecida mundialmente. Dentre elas, o livro *Pedagogia do Oprimido* publicado no ano de 1968 e, atualmente, em sua 67ª edição. Como também, seu livro *Pedagogia da Esperança*, escrito no ano de 1992, com a intenção de revisitar a *Pedagogia do Oprimido*. Ambos, publicados pela editora Paz e Terra.

O livro *Pedagogia da Esperança* foi concebido quando o autor se encontrava exilado no Chile, mas finalizado décadas depois. Foi nesse período, que Paulo Freire analisou sua prática pedagógica, promovida pela interlocução com seus leitores. Vale ressaltar que este livro foi organizado, sendo a sua 23ª edição composta por notas explicativas de Ana Maria Araújo Freire³. Foi por meio do diálogo entre Paulo Freire e seus leitores, que ocorreu a constituição de um texto imbuído de coragem e marcado pela necessidade da luta pela transformação social, mediada pela educação. De acordo com Paulo Freire (2016):

Ler um texto é algo mais sério, mais demandante. Ler um texto não é “passar” licenciosamente, pachorrentamente, sobre as palavras. É apreender como se dão as relações entre as palavras na composição do discurso. É tarefa de sujeito crítico, humilde e determinado (p.105).

Paulo Freire é considerado Patrono da Educação Brasileira, mesmo que esse título tenha causado impasses ideológicos e discussões sobre tal honraria. Embora o autor seja falecido, sua obra apresenta a vivacidade de sua metodologia de ensino e a contribuição para o momento histórico em que vivemos, sobretudo na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Ainda que sua obra seja perseguida após sua morte, suas teorizações apresentam-se atemporais, razão pela qual alguns o consideram uma ameaça iminente.

Paulo Freire, por várias vezes, foi questionado pelos seus opositores se de fato era um educador ou um ativista. Contudo, rebatia essas acusações refletindo sobre a concepção política de seus opositores, destacando a não existência da neutralidade

³ Ana Maria de Araújo Freire, também conhecida como Nita Freire, é professora e viúva de Paulo Freire. Na 23ª edição do livro *Pedagogia da Esperança* constam notas explicativas elaboradas por Ana Maria, que dialogam com o momento histórico em que foi concebida a obra, bem como ajudam a melhor compreender os aspectos constitutivos do texto apresentado por Paulo Freire.

no ser humano. Defendia a *práxis* educativa de opção progressista, compreendendo a esperança como necessidade ontológica, fundamentada na luta social como expressão na sociedade e na busca da transformação social.

Nas palavras de Paulo Freire: “[q]uem, melhor que os oprimidos, [...] para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? [...] Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação?” (2018, p. 42). Ao refletir sobre os escritos no livro a *Pedagogia do Oprimido* e sua ênfase ao processo de desenvolvimento das consciências histórica, política, social e cultural e sobre o encontro com a *Pedagogia da Esperança*, destacando o processo de ser e fazer em conjunto, nesse ponto, questionamos se: podemos reafirmar a luta galgada pelo professor sobre a compreensão de si e de seu aluno? Cabe ao professor conduzir o aluno a reflexão crítica a respeito da emancipação e da liberdade de pensamento?

Na busca por responder esses questionamentos, apreendemos o livro *Pedagogia da Esperança*, por meio do procedimento da análise da configuração textual (MORTATTI, 2000). Com a pretensão de refletir sobre o desenvolvimento da consciência, constituição da identidade e emancipação do homem que, pela Educação, poderá alcançar a liberdade de pensamento, foi realizada a análise apresentada nesse texto. Pela interrogação dos aspectos constituintes do texto apresentado em *Pedagogia da Esperança*, procurou-se compreender as condições de produção do texto, bem como interpretá-las.

Nesse contexto, objetivou-se analisar o livro compreendendo-o como parte de um discurso inovador, ousado e corajoso, pois, ao reafirmar o direito ao desenvolvimento humano proporcionado pelo acesso à Educação e, mais especificamente, ao mundo letrado, o autor travou uma luta ideológica e política em contextos diversos, que o levaram desde o exílio de seu país até a contestação de sua metodologia de ensino, na contemporaneidade.

Metodologia

O presente estudo caracteriza-se pela análise do livro *Pedagogia da Esperança*, por meio “[...] [do] tratamento e análise de informações, sob a forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens e gestos” (SEVERINO, 2007, p. 121). A apreensão do texto ocorreu em meio a reunião de livros que constituem a obra de Paulo Freire, sendo que sua localização e seleção

ocorreram com base em sua discursividade e na atemporalidade apresentada em sua obra. Na tentativa de retomar e refletir sobre o significado da obra desse autor para a educação brasileira, do reconhecimento internacional de sua teoria, de sua metodologia de ensino e as possíveis reflexões evocadas o seu discurso, em partes, perpassada pela síntese de seu pensamento neste livro, foi que esse texto se tornou objeto de análise (MORTATTI, 2000).

O livro foi apreendido por meio da análise da configuração textual, procedimento de análise de textos e discursos elaborado por Mortatti (2000) e aplicado pela autora em investigações e pesquisas na área da história da educação, literatura, linguística, alfabetização e literatura infantil. Para a compreensão dos diferentes aspectos que compõem o sentido de um texto fez-se uso para análise de questionamentos como:

[...] as opções temático – contedísticas (o quê?), estruturais formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?), em um momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?), com propósito (para quê?), visando a determinado efeito (para quem?) e logrado em determinado tipo de circulação, utilização e repercussão (p.15).

A análise da configuração textual é um procedimento que favorece a reflexão sobre o texto constituído por Paulo Freire e apresentado como Pedagogia da Esperança, pois essa análise busca os múltiplos sentidos de um texto em meio a um procedimento de interrogação das suas condições de produção, bem como a interpretação e o intercruzamento de aspectos ideológicos, históricos, sociais e políticos expressos na linguagem que o constitui (MORTATTI, 2000).

Essas são questões a serem exploradas na Pedagogia da Esperança, podendo conduzir a reflexão sobre a correlação entre o desmonte da educação brasileira, da docência e os ataques declarados a obra de Paulo Freire, bem como as ofensas à democracia, à liberdade, às atitudes e comportamentos preconceituosos e os retrocessos que estão tomando uma parcela da sociedade brasileira.

Nesse sentido, fomentar a reflexão sobre *práxis* docente tornou-se uma necessidade urgente para a transformação social. Tal afirmação pauta-se na emergência em fomentar o diálogo entre posições contrárias, mas que buscam a observação, a interrogação, a interpretação dos contextos sociais, culturais, políticos e ideológicos em busca da emancipação, com a finalidade de prezar pela democracia e pelo desenvolvimento humano.

Resultados e Discussão

A capa do livro *Pedagogia da Esperança* apresenta informações condutoras da densidade reflexiva, analítica e crítica contida em seu interior. Logo no topo da capa foi apresentada a seguinte citação: “Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (FREIRE, 2016). Abaixo da citação há o nome do autor e a foto de cinco crianças de diferentes etnias apresentando olhares atentos para o horizonte. Ao final temos o título, subtítulo e a referência às notas explicativas contidas no livro, elaboradas por Ana Maria Araújo Freire.

Ao analisar esse primeiro contato, ainda material, por meio da apresentação do livro, pôde-se perceber o conceito de tempo verbal denominado imperativo, a foto das crianças e as palavras esperança e reencontro, contidas no título e subtítulo, respectivamente. Um verbo quando se encontra conjugado na língua portuguesa no tempo verbal imperativo tem por sentido a ação, o ato de indicar uma tarefa e, quando associada à esperança, pode-se compreendê-lo, como enfatiza Paulo Freire, como esperar.

Ao atribuir à palavra esperança o sentido de ação, a compreensão do emprego da palavra reencontro apresenta uma possível hipótese de que, na *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2018), Paulo Freire analisa a realidade da Educação no Brasil por meio de uma reflexão crítica da prática educativa no país, sendo essa retomada e considerada como o momento da interdição. Contudo, pôde-se analisar no livro *Pedagogia da Esperança* a apresentação de quais são as possibilidades de caminho para conduzir nossas crianças, jovens e adultos à liberdade de pensamento. Nas palavras de Paulo Freire (2016): “[a] consciência de classe, passa pela consciência de homem oprimido antes. A luta de classes é o motor da história” (p. 123).

O livro *Pedagogia da Esperança* foi constituído em três momentos. O primeiro quando foi elaborado o livro *Pedagogia do Oprimido*, apresentando conceitos como o desenvolvimento da consciência, o início do processo de aprendizado a partir do conhecimento de senso comum e a busca pela liberdade de pensamento, por intermédio da Educação. O segundo momento ocorreu quando apresentou a análise da *Pedagogia do Oprimido*, por meio da interlocução com diversos leitores no mundo. O terceiro momento ocorreu quando Paulo Freire analisou e refletiu sobre seu percurso histórico, sua existência e sobre si.

Ao iniciar o texto, Paulo Freire relatou sua experiência como professor do Serviço Social da Indústria (SESI) apresentando um momento de prática e

contribuição para a gestação da *Pedagogia do Oprimido*. Nesse sentido, a prática docente promoveu a reflexão sobre o discurso. Esse, por sua vez, fundamentou-se nas teorias da Educação e, no caso da *Pedagogia da Esperança*, na luta pela justiça social, compreendendo o espaço-tempo de desenvolvimento e tomada de consciência pelo oprimido. De acordo com Saviani (2021), o conceito de consciência, que não fora concebido por Paulo Freire, mas empregado para reafirmar a necessidade de constituir o conhecimento crítico.

Ao relatar esse tempo que esteve no SESI, o autor inclusive faz uma profunda reflexão sobre sua própria prática destacando a importância de estar atento com relação a qualquer tipo de discriminação. O autor menciona sua vigilância ao se remeter ao masculino em sua escrita, de modo demasiado, e sua busca por evidenciar, também, o feminino ao falar sobre o educando(a) e sobre o educador(ra). Paulo Freire apresentou o quanto a cultura e as concepções dispostas na sociedade estão, implacavelmente, enraizadas em nós e contra isso, também, cabe vigilância e luta (FREIRE, 2016). Nesse sentido, destacamos Vigotski (2001) quando teorizou em relação aos sentidos contidos na linguagem e nas palavras.

Em síntese, na perspectiva teórica de Vigotski e Lúria (1996) e Vigotski (2001), a palavra não se condensa, em termos de referência, a um único objeto, mas a um grupo ou classe de objetos. Cada palavra é uma generalização para Vigotski (2001), por evidenciar o pensamento, o qual reflete a realidade de modo distinto das sensações e percepções (VIGOTSKI, LÚRIA, 1996; VIGOTSKI, 2001). Portanto, concepções enraizadas na sociedade como o preconceito de gênero, conforme menciona Freire (2016), têm uma de suas ancoragens na palavra e, conseqüentemente, no pensamento dos sujeitos e no coletivo.

A linguagem de Paulo Freire foi amplamente disseminada por suas obras, por suas palestras e por sua atuação política. Para o autor, “mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo” (FREIRE, 2016, p. 94). Ao reconhecer o abismo entre os oprimidos e opressores foi iniciada a luta pelo acesso à educação, pela defesa do processo de alfabetização como a “porta de entrada” para a reflexão sobre o mundo, para o desenvolvimento da consciência, do ato de pensar, da liberdade de pensamento, da autonomia de vida, vislumbrando a transformação social e a humanização.

Foi por meio da abordagem de conceitos como: diálogo, consciência, práxis progressista, ordem social, ordem econômica, ordem política, injustiça, história,

existência e humanização, que Paulo Freire elaborou as bases de sua discursividade. Tais conceitos foram aplicados na elaboração do processo de educar para a liberdade. Nas palavras de Freire (2016), “[a] libertação ocorre pela transformação da sociedade” (p. 137).

Contudo, essa trajetória só surtiria efeito se considerasse o sentido dos conteúdos abordados e a sua aplicação na vida. A constituição do processo ensino-aprendizado levaria em consideração conceitos como: o saber de experiência feito, a leitura de mundo, a sistematização por intermédio da educação dos saberes do homem para os saberes científicos, a sensibilidade em compreender quem é esse indivíduo, o amor ao ser humano oprimido, o estímulo à reflexão sobre o sentido da vida, o desenvolvimento da consciência e a aquisição do pensamento por meio da linguagem, enfatizando a necessidade da transformação social para a emancipação, libertação e humanização.

A escrita da obra *Pedagogia da Esperança* ocorreu em primeira pessoa, vislumbrando um diálogo, como expôs Benveniste (1998), entre um eu e um tu. Ao estabelecer essa estrutura de texto, foi possível entender a tentativa do autor de atentar-se ao processo, à questão da convivência e do diálogo para a educação. Os atos de ouvir, vivenciar o dito e redizer promovem trajetórias envolvidas, desde o respeito à leitura do mundo do educando(a), a partir do processo de ensino-aprendizado iniciando pelo conhecimento dele, como pela compreensão do educador ou educadora sobre o mundo. Como enfatizou Paulo Freire (2016):

O diálogo tem significação precisamente porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com o outro

[...] [o diálogo implica] [...] um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua. Assim também a licenciosidade, de forma, diferente, mas igualmente prejudicial

[...] O diálogo funda o ato de ensinar, se completa e sela no outro, o de aprender. Isso ocorre quando o pensamento crítico, inquieto do educador ou da educadora não freia a capacidade de criticidade, pensar ou começar a pensar do educando (p. 163).

Em *Pedagogia da Esperança*, Paulo Freire discutiu o papel do educador(a), sobretudo na mediação de problematizações que tragam o educando(a) para o diálogo. Para que isso ocorra, o educador precisa pautar-se no sujeito educando(a), porque as ações educacionais futuras dependem desse ponto de partida. Partir do saber oriundo da experiência de vida, mas superá-lo sem prender-se apenas ao senso comum. Perspectiva similar foi teorizada por Vigotski e Lúria (1996) e Vigotski (2001) quando

discutiram as funções psicológicas superiores e o desenvolvimento dos sujeitos partindo do primitivo para o cultural.

Paulo Freire (2016) buscou compreender quem são as pessoas, as quais denominamos alunos(as). O autor buscou extrair dessas pessoas o sentido de suas vidas, a reflexão sobre o seu cotidiano e a ampliação da compreensão do mundo. Por meio da Educação e do conhecimento científico mediado, Paulo Freire ultrapassou as teorias do desenvolvimento, bem como a compreensão histórica e cultural de seu educando(a), pela intenção de dar a esses à condição de sujeito e fomentar nesses a constituição de sua identidade histórica, política, social e cultural.

Para Paulo Freire (2016), era substancial alcançar o bom gosto da escrita, da estética sem arestas, mas sem perder de vista o contexto cultural e social do educando(a), que deve ser respeitado. É preciso que o educador(a) compreenda o todo e as partes do processo, que fazem o educando(a) ser o que é. Em experimentos conduzidos por Lúria (2015), foi apresentado as mudanças ocorridas em atividades práticas que foram baseadas na educação formal, que consideraram o contexto e a cultura. O autor percebeu mudanças no processo do pensamento dos sujeitos analisados, inclusive, em curto espaço de tempo. Anteriormente a Lúria (2015), Vigotski (2001) já havia chamado a atenção para as questões sociais e culturais no desenvolvimento cultural dos sujeitos e das funções psicológicas superiores, e já abordava a importância do desenvolvimento da consciência.

Duarte (2013, p. 8) discute que conhecer um educando(a) em sua concretude implica ao professor “mediações de abstrações”. Pois, “[...] conhecer a concretude do indivíduo-aluno(a) não se limita, no caso da atividade educativa, ao conhecimento do que o indivíduo é, mas também ao conhecimento do que ele pode vir a ser” (DUARTE, 2013, p. 8). Nesse sentido, quando Duarte (2013) considerou a importância da individualidade e o entendimento da transformação do homem por meio da mediação promovida pela educação, se aproximou da discursividade de Freire. Nessa perspectiva, o sonho e a esperança seriam fundamentais quando se objetiva uma transformação social.

Paulo Freire em *Pedagogia da Esperança* discute também a importância de os indivíduos assumirem quem são enquanto classe social e se comprometerem com a luta pela liberdade, tirando de si as humilhações, as imposições, os sentimentos de culpa e taxativos de incompetências atribuídas pela ideologia dominante. Como

disse Paulo Freire (2018, p. 252): “[o] povo, por sua vez, enquanto esmagado e oprimido, introjetando o opressor, não pode, sozinho, construir a teoria de sua ação libertadora”. Ademais, enquanto estiver tomado pela alienação imposta sutilmente e de modo velado pelo opressor, o oprimido encontrará barreiras substanciais para reconhecer as possibilidades e a força da sua luta enquanto classe não minoritária, mas como maioria.

Ao observar o comportamento dos camponeses, Paulo Freire (2016) possibilitou reflexões ligadas à compreensão da perversidade imposta pelo sistema capitalista. Ele notou que havia um certo medo entre os camponeses com relação à liberdade. De acordo com o autor, o medo da liberdade causava a “fuga do real”, ocultava-se a verdade. Para o autor, as pessoas devem lutar para que nunca mais seja possível negar a liberdade, conseqüentemente, a democracia. É preciso que haja uma retomada de si e um reconhecimento enquanto classe social, que sonha, que quer dias melhores e livres, por meio de realidades inéditas, o “inédito-viável” (ALMEIDA, 2021; ARAÚJO et al., 2021; SAVIANI, 2021).

Paulo Freire (2016) destacou sua preocupação com os sentidos que carrega a linguagem. Afinal, nas palavras do autor, “a linguagem tem ideologia” (FREIRE, 2016, p. 93). A afirmação da relação entre “linguagem-pensamento-mundo” a caracteriza como uma relação dialética, processual e contraditória. Por isso, é tão difícil alinhar o que se fala ao que se faz, ser coerente, por exemplo, em um discurso democrático que culmina em uma prática democrática. Porém, para o autor, deve-se buscar diariamente encurtar essa distância entre o que se diz e o que se faz, bem como dialogar com aqueles que discordam de suas concepções e discurso.

Com base em Maingueneau (2015) o problema da linguagem se constitui em discursos e, estes, são canônicos, permeados por sentidos e construídos em uma ordem social e dentro de uma determinada sociedade, que promove o “roubo” da subjetividade humana, ou seja, o ser que implica a constituição do sujeito. A contradição assinalada por Paulo Freire (2016) pode ser exemplificada a partir das palavras de Duarte (2013), quando: “ao mesmo tempo em que a sociedade capitalista produz as condições necessárias de desenvolvimento livre e universal dos indivíduos, antepõe a esse desenvolvimento barreiras gigantescas [...]” (p. 15).

Essa, talvez, possa ser um dos maiores desafios que a sociedade precisa transpor: a barreira da contradição. A normatização das formas de atuação do Estado, dos

homens, dos discursos ventilados do campo científico ao senso comum, perpassado por campos ideológicos, que articulada pela legislação apresenta formas de dominação pela modelação de condutas, ações, pensamentos e da própria “visão de mundo” demonstra o quão contraditória a sociedade pode ser. Por exemplo, indivíduos podem assumir-se capitalistas e trabalhadores sob o viés da categoria jurídica-política de sujeito de direito, de acordo com uma consciência determinada por práticas ideológicas (ALTHUSSER, 1979, p. 13; PINHEIRO, 2016).

Nesse contexto, Althusser (1996), a partir de suas teorizações, alerta para a existência dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), seja eles quais forem, que colaboram para um mesmo direcionamento da sociedade e podem reforçar as relações de produção e as relações capitalistas de exploração. Ademais, o autor teoriza o conceito de sobredeterminação. A partir deste, é possível refletir que as relações sociais de produção são um espaço propício para a articulação das determinações, ou seja, das sobredeterminações na sociedade. A relação estruturante que produz, constitui e explica as ações individuais e coletivas baseados em pressupostos subjetivos, os quais seriam os econômicos, jurídico-políticos e ideológico. Seu efeito seria a reprodução ou uma possibilidade da transformação em âmbito histórico-social determinados. No entanto, há determinações próprias em cada estrutura. Por exemplo, o capital e o trabalho assalariado são determinados pelas necessidades materiais e sociais dos indivíduos (ALTHUSSER, 1979, p. 13; PINHEIRO, 2016).

Para Paulo Freire (2016), o educador progressista deve ser coerente com seus sonhos, mas deve respeitar os educandos(as), sem manipulá-los com relação a isso. Vigilância e cuidado com o que ele chama de “currículo oculto”, pois, é preciso defender a tolerância, transparência, criticidade, a curiosidade e a humildade. Dessa forma, ao ministrar uma disciplina o professor propiciará aos estudantes a possibilidade de aprender. Para Paulo Freire (2016), ensinar é um ato permeado pelos sentidos criador e crítico, mas não mecânico. Afinal, haverá entre as relações professor e aluno(a) a influência das estruturas sobredeterminadas e reproduzi-las pode ser algo bastante fácil, devido ao contexto capitalista.

Duarte (2013), sobre isso, também alertou que “[...] as relações entre conhecimento e liberdade na sociedade capitalista contemporânea são de grande complexidade [...]” (p. 15). O desafio, segundo Duarte (2013), é formar indivíduos que superem a alienação dentro de um sistema, que gera alienação para dominação. Portanto, não importa se o educando(a) concorda com o discurso do educador(ra), o admirável é

que ele seja coerente com aquilo que expõe e faz como educando(a). Esse contexto é explícito na *Pedagogia da Esperança* quando Paulo Freire (2016) diz: “[...] é preciso, por isso, deixar claro, que no domínio das estruturas socioeconômicas, o conhecimento mais crítico da realidade, que adquirimos através de seu desvelamento, não opera, por si só, a mudança da realidade” (p. 44).

Por isso, Paulo Freire (2016) discute que não pode haver mudança se não houver sonho e esperança. Nesse momento cabe uma reflexão em torno do professorado brasileiro. Será que estamos sonhando? Será que possuímos esperança por dias melhores para a Educação? O que estamos fazendo aqui e agora, para contribuir com a construção de um futuro, que possibilite vislumbrar a democracia plena e a unidade na diversidade? Quantos de nós está refém da alienação? Quantos de nós tem negado a democracia?

As pessoas têm o direito de saber e melhorar aquilo que já sabem, bem como produzir o que ainda não existe. Também, educadores, educadoras, educandos e educandas têm o direito de ter sua própria visão de mundo, porque é na diferença que nos constituímos, mediados pelo diálogo e pela educação (FREIRE, 2016). Skliar (2006) “determina a diferença como aquilo que determina a identidade” (p. 20). Nas palavras de Skliar (2006),

[...] a diferença não estaria em relação a dois pontos que, de acordo, com certo princípio de identidade, se diferenciam. Esta teria mais a ver com o “entremeio”, e não com uma suposta oposição entre dois termos, dois entes, dois conceitos ou duas coisas. Assim vista, a diferença é um sinal do imprevisível, que nos faz pensar no devir, nos remete ao acontecimento (p. 21).

Hoje, impreterivelmente, é preciso considerar o medo da liberdade. Mais que isso, é preciso saber o que compartilhar quando se pensa a formação de professores e a Educação (FREIRE, 2016). Nas palavras de Freire (2016):

Só no entendimento dialético, repitamos, de como se dão consciência e mundo, é possível compreender o fenômeno da introjeção do (a) opressor (a) pelo (a) oprimido (a), a “aderência” desde àquele, a dificuldade que tem o (a) oprimido (a) de localizar o (a) opressor (a) fora de si, oprimido (a) (p.146).

A Educação sozinha não pode superar as barreiras colocadas pelo capital, as quais geram as situações limites e o medo pela liberdade, bem discutido por Paulo Freire (2016). As barreiras só poderão ser transpostas pelas pessoas, por meio da luta social coletiva. Mas essa luta precisa estar consciente das contradições, que movem a vida social (DUARTE, 2013; SAVIANI, 2021).

A compreensão dos contextos históricos, políticos, culturais e sociais são imprescindíveis para a humanização. Porém, esse processo necessita de interação e mediação dos conhecimentos, no sentido de fomentar reflexões críticas e constituintes do pensamento. Era isso que Paulo Freire sabiamente realizava ao dialogar com as pessoas e buscar nas suas experiências substrato para a reflexão de sua realidade, bem como questionamentos sobre a forma com que, por vezes, passivamente se aceitava determinada ordem política, social e cultural. Em *Pedagogia da Esperança* foi concedida a ênfase na relação linguagem-pensamento-mundo, o caráter dialético, processual e contraditório.

Outro aspecto discutido no livro *Pedagogia da Esperança* tratou sobre a didática apresentada pelo professor(a). Paulo Freire (2016) expôs vários exemplos de aulas, analisando a conduta do professor frente às situações descritas. Para o autor uma aula válida seria aquela, na qual o professor faz uma pequena exposição do tema, analisa essa exposição com os alunos, desafiando-os a aprofundarem sua reflexão sobre a temática e sua abordagem inicial.

Para Paulo Freire é necessário que o professor(a) encontre sentido em sua didática e não a reduza a ações meramente atrativas, vazias do aprofundamento teórico, superficiais quanto a abordagem de uma temática e, principalmente, da falsa sensação de fomento ao conhecimento que, por exemplo, as metodologias ativas podem gerar nos alunos, no contexto do ensino e do aprendizado. Nas palavras de Paulo Freire (2016),

Enquanto relação democrática, o diálogo é a possibilidade de que disponho de abrindo-me ao pensar dos outros, não fenecer no isolamento. [...] um acontecimento, um fato, um gesto de amor ou de ódio, um poema, um livro se acham sempre envolvidos em densas tramas, tocados por múltiplas razões de ser, de que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado, de que algumas são mais visíveis enquanto razão de ser (p. 166).

Diante do que foi mencionado, para que professores(ras) sejam formados na perspectiva progressista, a universidade torna-se um elemento fundante. Ela precisa estar pautada no tripé “pesquisa – ensino – extensão”, com qualidade e seriedade (Freire, 2016). É preciso que se tenha em mente que a educação popular não se reduz a prática pela prática, pois, “[...] partir do saber que os educandos tenham não significa ficar girando em torno deste saber. Partir do ‘saber de experiência feito’ para superá-lo não é ficar nele” (p. 97). O conhecimento nasce em situações e problemas reais da vida – senso comum –, mas logo é levado e submetido aos questionamentos e às análises cuidadosas, exaustivas e empíricas no campo científico.

A partir da obra de Freire (2016), compreende-se a necessidade de acabar com qualquer tipo de discriminação, seja no âmbito da aquisição do conhecimento ou no reconhecimento das classes sociais. As minorias não podem ser escondidas, porque, quanto mais as invisibilizarem, mais serão discriminadas. É preciso lutar, afinal, com as chamadas minorias, que são, na verdade, maiorias. As pessoas se fazem na diferença, mas é preciso que encontrem pontos comuns. Sozinho ninguém tem como vencer uma barreira, mas mediante uma “unidade na diversidade”, torna-se possível cultivar o pensamento progressista e angariar lutas. É preciso que suscitem na sociedade multiculturas e, com elas, possam se cultivar e ensinar o respeito às diferenças e ao diálogo (Freire, 2016).

É preciso destacar, nas palavras de Freire (2016), que: “[a] história não se entrega ou se curva docilmente à vontade arrogante dos voluntaristas. As transformações sociais se fazem na coincidência entre a vontade popular, a presença de uma liderança lúcida e o momento histórico propício” (p. 85).

Também cabe acrescentar que as questões sociais, ao longo da história, não são “brinquedos novos”, segundo Paulo Freire (2016), para o campo científico. Diante disso, é possível sintetizar a importância das pesquisas em todas as áreas e os debates frente às diferenças teóricas, bem como formas de visualizar e modificar o mundo. Por isso, para o autor, a história pode ser implacável, quando não se aproveita a oportunidade para a mudança e para as transformações. Para Paulo Freire, “a luta é uma categoria histórica e social” (p. 59). Para que uma luta tenha êxito é preciso que haja consciência ética e política, por parte dos que lutam, pois: “[q]uem faz a guerra são os homens e as mulheres e os instrumentos” (p. 88).

Para Paulo Freire (2016), tudo é possível no Brasil e no mundo. Enganar, trair, mentir, roubar, falsificar etc., mas: “[é] preciso deixar de ser tudo possível” (p. 89). De acordo com o autor, é preciso que se rompa com o colonialismo e que haja recusa radical contra o neocolonialismo. Como bem disse Ribeiro (1995) a respeito do Brasil e de seu descobrimento, destacando quanta violência sofreram os índios e negros para proporcionar aos nobres portugueses suas vaidades. Mesmo atualmente, o Brasil segue caracterizado como um país dominado pela ideologia da subserviência, que responde ao mercado financeiro como o signatário do desenvolvimento e promotor da alienação e da miséria.

Nesse sentido, o legado deixado por Paulo Freire no livro *Pedagogia da Esperança* pode estar pautado em três dimensões: interdição – libertação – esperança,

conforme sintetiza Ana Maria Araújo Freire. Paulo Freire (2016) orienta que ao longo da vida aparecerão “situações limites”, como aquelas enfrentadas pelos educadores(ras) e pela sociedade geral, que poderão ou não serem transpostas por meio da luta e esperança. Contudo, não poderão ser neutralizadas pelo medo da liberdade em algumas pessoas, pois, como enfatiza Freire (2016, p. 137), “somos vocacionados para a humanização”. Portanto, caberá a cada um de nós iniciar a mudança e disseminar o legado de Paulo Freire.

Considerações finais

Pedagogia da Esperança pode ser considerado um livro atemporal. As teorizações registradas demonstram que o Brasil ainda é um país assolado pelos princípios neocoloniais e seu povo, violentado pela globalização e pelas crueldades derivadas do capitalismo, inclusive, internacionalmente. O legado de Paulo Freire enfatizou a necessidade de se romper com as amarras de ordem econômica, política, cultural, social e ideológica, que condenam a sociedade à desumanização. Por isso, na busca pelo esperançar, se configura a condição do diálogo e da mediação pela educação, bem como a luta social para que esse cenário venha a se modificar. Porém, é preciso lembrar que esta não será uma tarefa fácil e rápida.

A obra de Paulo Freire é mais que um norte para a formação do educador (ra), bem como do povo. Ela é uma referência para o fomento à construção de uma sociedade livre e democrática. Em tempos obscuros, de princípios ditatoriais, de desigualdades, preconceitos e crueldades, a obra de Paulo Freire discute as “situações limites”. Ele permite ao leitor refletir a dura realidade enfrentada por milhares de educadores(ras), que querem proporcionar um ensino emancipatório para seus educandos e educandas.

O diálogo foi apresentado como elemento indispensável para o desenvolvimento da consciência. No entanto, a libertação dos indivíduos somente se fortalece quando ancorada pela transformação da sociedade. Por isso, a escolha em redigir esse texto realizando a análise da configuração textual vislumbrou os professores na atualidade. Diante das ameaças à democracia, à liberdade e do impedimento à humanização, a obra de Paulo Freire nos instiga à resistência e ao trabalho árduo para o fomento à educação em todos os níveis de ensino. Assim como já havia teorizado Paulo Freire (2016): “[...] não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança”. (p. 47).

Nesse sentido, concluímos, com a análise do livro *Pedagogia da Esperança* de Paulo Freire, que educadores(ras) podem contribuir para a emancipação, o desenvolvimento da consciência e a humanização de educandos(as).

Entretanto, é preciso ter em mente a dialética em torno do conhecimento da realidade e a sua transformação social. Ambos os conceitos são desafios para que possamos vislumbrar uma sociedade emancipada. Por essa razão, a função do educador(ra) é importante. A partir da prática educativa, em uma perspectiva progressista, poderão ser proporcionadas a vivência e a reflexão sobre a realidade, pois, não há educação sem conteúdo. Um poema, um livro, uma obra de arte, uma música, a filosofia, entre outros contribuem para as possíveis e necessárias reflexões sobre a realidade e o início do pensar. Por isso, uma das barreiras a se romper pela educação trata-se do medo do educando e da educanda a respeito da luta social em seus múltiplos sentidos.

Os professores também necessitam de uma formação que problematize: quem são aqueles que escolhem os conteúdos escolares? O que é ensinar? O que é aprender? Qual o papel do professor? O que é o aluno nesse processo? Quem é o aluno? Como superar as adversidades impostas pela divisão de classes? A relação de poder professor-aluno? Que conteúdos escolher? Devemos deixar como estão as coisas para ver o que vai acontecer adiante? Qual o papel da conveniência? Devo ou não me comprometer com a Educação? Essas são algumas perguntas inspiradas nos questionamentos de Paulo Freire em *Pedagogia da Esperança*, mas muitas outras questões podem ser levantadas, inclusive: qual a importância da educação popular no processo de humanização e libertação de um povo?

É preciso que surja uma nova ética, de acordo com Paulo Freire, que deverá ser fundamentada na base do respeito às diferenças e na qual o ponto de encontro seja a unidade na diversidade. É preciso que se aceite a existência da multiculturalidade. Contudo, esse espaço de aceitação não é algo simples ou natural e, sim, histórico! Implica decisões, vontade política e mobilização de grupos na sociedade. Nesse sentido, demanda prática educativa coerente em torno desse objetivo.

Referências

ALMEIDA, L. C. Paulo Freire: presente! Levantamento bibliográfico em educação & sociedade. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 42, p. 1-24, 2021. <https://doi.org/10.1590/ES.254030>

- ALTHUSSER, L. *A favor de Marx pour Marx*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____. Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado: notas para uma investigação. In: ZIZEK, S. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 105-41.
- ARAÚJO, M. S. et al. A atualidade de Paulo Freire em tempos de pandemia: tecendo diálogos sobre os desafios da educação e do fazer docente. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 16, p. 1-20, 2021. <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.16.16610.009>
- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral I*. 2. ed. Campinas: Universidade de Campinas, 1988. p. 284-93.
- DUARTE, N. *A individualidade para si*: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- _____. *Pedagogia do oprimido*. 66. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- LÚRIA, A. *A construção da mente*. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2015.
- MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.
- MORTATTI, M. R. L. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2000.
- PINHEIRO, J. Uma ruptura declarada. In: PINHEIRO, J. (Org.). *Ler Althusser*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 183-212.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro*: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. Companhia da Letras, 1995.
- SAVIANI, D. Paulo Freire, centésimo ano: mais que um método, uma concepção crítica de Educação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 42, 1-15, 2021. <https://doi.org/10.1590/ES.254988>
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho Científico*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SKLIAR, C. A inclusão que é “nossa” e a diferença que é do “outro”. In: RODRIGUES, D. *Inclusão e educação*: doze olhares sobre educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2006. p. 15-63.
- VIGOTSKI, L. S. *Obras escogidas*. Tomo II. 2. ed. Madrid: A. Machado, 2001, p. 48.

VIGOTSKI, L. S.; LÚRIA, A. *Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Submetido em: 02/01/2022

Aceito em: 14/08/2022

Sobre as autoras

Amabriane da Silva Oliveira Shimite

Doutora e mestra pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista (Unesp) com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Especialista em Educação Especial pelo Centro Universitário Claretiano e em Gestão do Controle de Qualidade em Alimentos pela Faculdade Tecnologia de Marília (Fatec). Tecnóloga em Alimentos pela Faculdade de Tecnologia de Marília (Fatec)

E-mail: dsshimite@gmail.com

Fabiana Oliveira Koga

Pós-doutoranda pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR) com apoio financeiro da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Pós-Graduada em Psicopedagogia Clínica pela Faculdade Paulista. Bacharel em Piano e Licenciada em Educação Musical pela Universidade do Sagrado Coração (UNISAGRADO)

E-mail: fabianapsicopedagogiamusical@gmail.com